

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE MEIO AMBIENTE NO TEXTO RADIOFÔNICO, UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO ¹.

Sandra Kelly de Araújo ² – Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

A construção do conceito de meio ambiente na produção do programa “Escolas no Ar” é o objeto de pesquisa deste artigo. O Escolas no Ar foi uma estratégia metodológica para o uso pedagógico do rádio em escolas públicas da cidade de Caicó, Rio Grande do Norte. Sua produção foi desenvolvida a partir do trabalho cooperativo entre estudantes e professores para expressar, através de programas de rádio, a interpretação da escola sobre problemas ambientais locais. Este artigo mostra a perspectiva metodológica que orientou a produção dos programas de rádio sob o olhar de seus produtores. Para tanto, os resultados aqui apresentados estão fundamentados no registro das escolhas realizadas pelos produtores na abordagem do tema meio ambiente. As escolhas foram agrupadas em categorias de análise e orientam a investigação qualitativa de acordo com os pressupostos da etnometodologia.

Palavras-Chave: Comunicação; Educação; Rádio; Produção

1. A Investigação Qualitativa

O programa Escolas no Ar foi concebido no interior de um sistema de educação – comunicação denominado Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente. Sua produção foi uma resposta à problemática ambiental local e planetária pela produção de 25 programas de rádio sobre educação ambiental realizada com a participação de professoras e professores de escolas públicas de Caicó, Rio Grande do Norte.

A escolha por uma abordagem qualitativa nesta pesquisa justifica-se por acreditarmos que a simples quantificação do objeto não incorpora aspectos não mensuráveis ou não cabíveis de mensuração, tais como escolhas, significados e negociações. Assim, dadas as suas características, a investigação qualitativa responderá onde a quantificação, as deduções e generalizações não são suficientes para revelar o objeto em estudo.

¹ Trabalho apresentado no NP 11 – Comunicação Educativa, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM.

² Professora Adjunto I, Doutora em Educação. E-mail: skelly@unir.br

Especialmente, dentre as metodologias ditas qualitativas, a pesquisa que ora apresentamos está fundamentada na etnometodologia. A etnometodologia é uma forma de investigação da realidade social a partir da compreensão dos indivíduos sobre suas ações particulares, do que fazem e do que pensam sobre isso. É, portanto, uma análise particular ou subjetiva dos atores sociais sobre suas práticas. A ênfase da pesquisa recaiu sobre as análises de situações particulares ou microssociológicas do movimento dos indivíduos e suas percepções sobre tal.

Em Coulon (1995, p. 30) encontramos a seguinte definição: a etnometodologia é a pesquisa dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Portanto, é, através da investigação etnometodológica, que buscamos apreender o processo de produção dos programas “Escolas no Ar” a partir da compreensão daqueles que estavam envolvidos em sua produção.

Bogdan e Biklen (1999, p. 47-51) caracterizam a investigação qualitativa a partir de cinco pontos:

1. Na investigação qualitativa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, consistindo o investigador no instrumento principal. Isso implica dizer que o investigador insere-se no universo da pesquisa para elucidar o contexto, as circunstâncias, o ambiente natural de ocorrência.
2. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são qualitativos, expressos em forma de palavras ou imagens e avançam da simples mensuração numérica.
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Tratam de responder, por exemplo, questões relativas às escolhas realizadas, os significados dessas e seus conceitos.
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. A generalização impõe a pré-definição. Assim, não se interessam em recolher dados com o mero objetivo de confirmar hipóteses previamente construídas.
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. É a perspectiva dos participantes, de como dão significados as suas escolhas, enfim, o que as pessoas pensam sobre o que fazem.

Esses preceitos orientaram nossos procedimentos de pesquisa e corroboraram para a definição das categorias de análise utilizadas.

2- Categoria de Análise

- A categoria analisada neste trabalho foi definida de acordo com as sugestões apontadas por Bogdan e Biklen (1999) em “Investigação Qualitativa em Educação” - categorias ou símbolos de codificação. As categorias constituem meios de classificar dados descritivos, e foram propostas de modo a contribuir em nossa investigação acerca da construção dos programas Escolas no Ar. Neste caso, a categoria que utilizamos foi o Código de Conceito. Este consiste se refere às concepções conceituais adotadas no interior do sistema para a produção dos programas e definição do texto radiofônico. Aqui, analisaremos as concepções de meio ambiente abordadas nos roteiros do programa “Escolas no Ar”.

Os dados bases para a classificação dos conceitos de meio ambiente foram coletados a partir da observação participante e de depoimentos fornecidos por meio de entrevista, durante a organização do sistema “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente” e durante a produção dos programas “Escolas no Ar”.

3. Os Conceitos de Meio Ambiente

O sistema “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente” foi concebido de modo a possibilitar que alunos e professores assumissem a autoria dos textos radiofônicos. Nossa intenção era praticar uma concepção de educação e comunicação que traduzisse a expressão de sujeitos autônomos sobre o meio ambiente. Isso implicava numa disposição por parte desses em estabelecer interações e diálogos necessários ao processo educacional.

Assim, ao assumir a composição dos roteiros dos programas “Escolas no Ar”, alunos e professores desencadeavam um processo de reorganização de seus repertórios sobre o tema em análise para a construção do texto radiofônico, interferindo diretamente no conteúdo de cada programa. Para efetivação desse processo, convergiam competências cognitivas, afetivas e psicomotoras necessárias a rerepresentação dos conteúdos curriculares para a composição dos roteiros (o dado e o novo), atitudes comunicacionais que favorecessem relações de interação e reciprocidade para a construção coletiva do conhecimento e, ainda, embora o estudo da recepção não tenha sido nosso objetivo, é certo que os textos elaborados buscavam um efeito sobre os

receptores como pretende todo texto. Assim, os produtores se valeram de uma série de recursos argumentativos para informá-los, convencê-los ou influenciá-los em seus comportamentos sobre o meio ambiente.

Acerca da produção dos meios na escola, Lima, acrescenta:

Ressalte-se também que as experiências de produção de meios no ambiente da escola propiciam a meninos e meninas escutarem-se a si mesmos, organizarem-se em torno das questões relacionadas à vida comunitária, demonstrando a seus professores que a cultura pode ser conhecida e transmitida por outras vias que não somente a erudita, culta, formal. Mais que isso, tais atividades demonstram que ainda é possível tornar o espaço escolar um ambiente alegre, vivo, onde as pessoas podem resgatar o prazer pelo que aprendem junto (LIMA, 2003).

Entretanto, a integração ao projeto “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente” e, portanto, a disponibilidade das condições materiais e metodológicas necessárias ao uso pedagógico do rádio não garantiu que a produção de programas radiofônicos oportunizasse uma prática com certo grau de homogeneidade de uma pedagogia crítica, participativa, dialógica.

A interação entre sujeitos tem sido apontada com uma condição indispensável ao sucesso do uso de tecnologias na educação. Todavia, essa não é uma condição simplesmente disponibilizada por meios ditos interativos. É, sim, uma predisposição, uma prontidão dos sujeitos, em contextos históricos e culturais adequados. Isso significa dizer que a interação não é uma condição oferecida pelas características físicas dos objetos tecnológicos. Ela é alcançada a partir da prática dialógica construída pelos sujeitos em relação ao objeto que se pretende apropriar mediada pelos meios.

Essa constatação explica o fato de que a produção dos programas “Escolas no Ar” revelou diferentes *práxis* pedagógicas. Isso foi evidenciado durante a definição e execução de cada uma das etapas que compõe o processo de produção dos programas, como veremos a seguir.

3.1- Códigos de Conceitos

Dos conceitos apreendidos na produção dos programas, o do meio ambiente foi escolhido como objeto privilegiado de nossa análise. Os produtores do “Escolas no Ar” abordaram o conceito de meio ambiente a partir de diversas perspectivas: o meio

ambiente como natureza, o meio ambiente como responsabilidade institucional, o meio ambiente como espaço imediato de interação, o meio ambiente como extensão do indivíduo e o meio ambiente como utopia.

- O meio ambiente como natureza: a relação meio ambiente – natureza como sinônimos foi evidenciada entre os produtores do “Escolas no Ar”. A tendência em tornar esses conceitos equivalentes já havia sido verificada por Araújo (1995) quando realizou estudo sobre as referências iniciais entre os professores inscritos no curso de educação ambiental “educação para a vida” sobre o conceito de meio ambiente.

Quando analisamos as respostas [sobre o conceito de meio ambiente] verificamos que, indistintamente, professores que atuavam em Caicó ou em cidades vizinhas, em escolas públicas ou particulares, na sua maioria (71,2%), forneceram respostas que vinculavam o conceito de meio ambiente ao de natureza (ARAÚJO, 1995, 231).

Os textos elaborados para compor os roteiros do “Escolas no Ar” revelavam a relação de paridade entre os conceitos de meio ambiente e natureza, como no exemplo a seguir: uma música composta pela turma da professora Dalva Morais (3ª série – E. E. Iracema Trindade).

Limpendo nossa escola/ Estamos bem conscientes/ Que a sujeira polui muito/ Nosso meio ambiente/ As pessoas inocentes/ Queimando e jogando o lixo/ Poluindo o ambiente/ Deixando todos em risco/ Precisamos combater toda essa malvadeza/ Mostrando o caminho certo/ De zelar pela natureza (Programa 1, transmitido em 10 de maio de 2002).

O Programa 17 iniciava uma série sobre “o meio ambiente seridoense”. A escola Rosa de Lima Bezerra retornava a produção do “Escolas no Ar” com a apresentação do tema “solo”. No quadro apresentado a seguir, podemos identificar as relações que as crianças estabeleceram entre o solo e outros elementos da natureza e desses com a sociedade a partir de um estudo realizado em um terreno baldio nas proximidades da escola.

Tiana: Durante a elaboração deste programa, nós fizemos um passeio pelo bairro Paulo Sexto, onde está localizada a Escola Rosa de Lima. E os alunos puderam ver como está a situação do solo naquele local.
Sandra: Teodora, o que você viu de mais interessante nesse passeio?
Teodora: Eu vi que as plantas estão todas destruídas.
Euzimara: O solo está cheio de lixo.
Tiana: E esse lixo é feito queimada.
Magno: E a queimada empobreceu o solo.

Sandra: E você, Elisângela, o que é que você viu nesse passeio que nós fizemos hoje?

Elisângela: Eu vi penas, sapatos.

Romário: Eu vi plásticos, ossos, vidros que o fogo queimou.

Magno: Aqui no bairro Paulo Sexto, também agente sobrevive do solo. Fazemos tijolos, concreto, tiramos pedra pra fazer alicerce, fazemos pote (Programa 17, transmitido em 13 de setembro de 2002).

- O meio ambiente como responsabilidade institucional: o papel das instituições não foi negligenciado na produção do “Escolas no Ar”. Recorremos a Prefeitura Municipal de Caicó (Programa 1), ao IBAMA (Programa 4 e Programa 14), a CAERN (Programa 10), ao IDEMA (Programa 8), a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental do Rio Grande do Norte (Programa 8), ao PETI (Programa 9), ao Corpo de Bombeiros Militar (Programa 15) e ao Corpo de Bombeiros Mirins (Programa 7) para ouvir opiniões técnicas, divulgar projeto e ações, esclarecer e cobrar competências.

No Programa 8, transmitido no dia 05 de julho de 2002, alunos da EECCAM acompanharam a realização do seminário de implantação do Pólo de Educação Ambiental do Seridó. Lá estava Clécio Dantas, buscando respostas para suas expectativas quanto à implantação do pólo.

Clécio: Estamos aqui com Marjorie da Fonseca e Silva Medeiros, ela que é representante da UFRN, da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental. O que nós, alunos do ensino médio, podemos esperar da criação do pólo de educação ambiental do Seridó?

Marjorie: Olha, inicialmente, eu acho que uma melhor qualidade de vida para o Seridó. E eu acho que vocês, alunos do ensino médio, tem um papel fundamental nesse processo de implantação desse pólo e dos núcleos nos municípios em torno, porque vocês são jovens e têm um poder de mobilização muito grande dentro das escolas. E se a gente não contar com vocês, com quem nós vamos contar? (Programa 8, transmitido em 13 de julho de 2003).

O Programa 15, cuja responsabilidade de produção estava com o CEJA, teve com tema principal o trabalho do corpo de bombeiros e o combate aos incêndios florestais ou fogo da mata. A seguir temos o trecho de entrevista realizada por alunos do CEJA junto ao comandante do 3º Sub-Grupamento do Corpo de Bombeiros.

Lígia: Como esses incêndios [florestais] podem ser evitados?

Ten. Vale: Bom, primeiramente, esses incêndios podem ser evitados através de um trabalho educativo de conscientização, principalmente das pessoas que estão no meio rural, ou aquelas pessoas que estão transitando nesse meio. Orientá-las sobre o risco dessas queimadas que afeta diretamente,[...] o patrimônio das pessoas. Mas que também,

num segundo momento, irá afetar o meio ambiente, a vegetação, aumentar provavelmente a temperatura da região com esses incêndios. Então, a primeira coisa que o bombeiro tem procurado realizar é a prevenção. Orientar a população sobre o risco das queimadas nessa região.

Manfrini: Em linhas gerais, como consiste esse trabalho de prevenção com a população?

Ten. Vale: Bom, esse trabalho de prevenção é feito através dos meios de comunicação, das rádios aqui da região, como também através de palestras, orientações ao público em geral. Então o corpo de bombeiros quando realiza uma palestra ele sempre, dentro dos temas, ele procura abordar a questão das queimadas. Então, pra orientar a população sobre o risco das queimadas, tanto para o patrimônio, como para o meio ambiente.

- O meio ambiente como espaço imediato de interação: a escola, sua vizinhança e o bairro onde estava localizada foram temas objeto da produção dos programas de rádio. Aqui temos um texto elaborado por Dalva Morais e seus alunos da 3ª série da E. E. Iracema Trindade.

A campanha da limpeza/ A escola vai começar/ Vamos ver qual de vocês/ Vai melhor participar/ Não jogue papéis no chão/ E nem risque as paredes/ Beba água no seu copo/ Feche sempre as torneiras (Programa 2, transmitido em 17 de maio de 2002).

O último programa “Escolas no Ar” foi produzido pela E. M. Auta de Souza com o tema “o bairro Barra Nova”. Originalmente, essa escola não participou das oficinas de planejamento que conceberam o “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente”, mas incorporou-se ao sistema desde a participação da professora Maria Socorro Lopes na adaptação da história “Fiz o que pude” (Programa 15). A seguir, temos um dos quadros apresentados no Programa 25.

ALUNO 1: O bairro Barra Nova é muito calmo e quieto. Lá moram muitas pessoas. O bairro é calçado, tem comércio de roupas, posto de gasolina, igreja, sorveteria, bodega, frigorífico, videogame, farmácia, campo de futebol e quadra de vôlei.

ALUNO 2: A igreja Santa Cruz fica no bairro Barra Nova perto do frigorífico Big Boi, bem ao lado da escola Manuel Jorge e da farmácia Barra Nova. As missas acontecem na primeira sexta-feira de cada mês, às seis da tarde. Aos sábados, às sete horas da noite e aos domingos, às seis horas da manhã.

ALUNO 3: Na Barra Nova passa muitos carros porque é saída para muitas cidades da região: Timbaúba, São Fernando, São Bento, Catolé, Jardim de Piranhas e Serra Negra.

[...]

Eugênia: Já os alunos da 4ª série, turma da professora Rita Romero, preferiram falar sobre o comércio do bairro. Pesquisaram sobre o que

o bairro tem a oferecer e brincaram fazendo pequenas propagandas sobre os produtos e ofertas do comércio da barra nova.

ALUNO: Farmácia Barra Nova, aberta vinte e quatro horas por dia.

ALUNA: Ceixa Confeções, oferta: tomara que caia, dezoito reais; calças jeans raio X, quarenta reais; conjunto infantil, vinte e cinco reais; conjunto de sutiã, quinze reais; tamanco, quinze reais e colcha de cama, trinta e três reais.

Franciclécio: Meu nome é Franciclécio. Pesquisa feita no Posto Aquários: álcool, um e quarenta e cinco; desel, um e vinte e cinco; gasolina, um e noventa e cinco; gás de cozinha, vinte e nove reais. Posto Aquários, na saída para Jardim de Piranhas.

Taíse: Oi, meu nome é Taíse. Revista e Cia: KLB, um e cinqüenta; Gugu, um e sessenta e nove; Sandy e Júnior, um e setenta e cinco; Kelly Key, dois e quize.

Edna: Oi, meu nome é Edna. Supermercado São Francisco, lá vende tudo barato. O melhor da cidade.

ALUNA 2: Em frente a Casa do Pão tem O Revisteiro. Preço: KLB, um e cinqüenta; Gugu, um e sessenta e nove; Sandy e Júnior, um e setenta e cinco.

Taísa: Olá, meu nome é Taísa. Eu estudo na Escola Municipal Auta de Souza, tenho apenas nove anos, faço a quarta série. Hoje eu vou informar onde vende pão, na padaria Panificadora Paraíba, na Casa do Pão e na Bonsucesso. Eu tenho certeza que você vai encontrar lá o melhor pão da cidade.

- O meio ambiente como extensão do indivíduo: o meio ambiente começa por nós mesmos. Essa é a síntese que resume os quadros produzidos com enfoques que se estendiam desde aos cuidados com o corpo até a inserção sobre o sujeito. A seguir, temos uma paródia elaborada pela professora Maria Helena (Alfabetização - E. E. Rosa de Lima) para o Programa 1.

Tá na hora, tá hora/ Tá na hora de acordar/Vou correndo pro banheiro/Pros dentinhos escovar/ Lembre de tomar banho/ Pra bem limpinho ficar/ Penteando os cabelos/ Mais bonito vai ficar/ Dê uma olhada nas unhas/ Se precisam de cortar/ Trate delas com carinho/ Pra não se contaminar/ Bote uma roupa limpinha/ Bote um calçado no pé/ Fique se olhando no espelho/ Que bonito você é! (Programa 2, transmitido em 17 de maio de 2002)

A seguir, temos parte de um diálogo entre Gracinha (Clara Letícia) e Rosário Faria, Isabel Medeiros e Carla (alunas do 2º ano do ensino médio da EECCAM) sobre a poluição no rio Barra Nova.

Carla: A poluição do rio Barra Nova é uma das principais provas dos danos do meio ambiente que ocorrem em Caicó. O problema é visível, tanto para quem mora próximo ao rio, como para quem passa por ele diariamente. O mau cheiro, os dejetos domésticos, ou seja, os esgotos e o lixo, jogados diariamente no rio é rotineiro. Ainda assim, pessoas tiram do rio sustento para suas famílias, criando porcos, galinhas,

vacas e outros animais. Talvez sabendo, ou não, o mal que isso pode causar aos animais e as pessoas que se alimentam deles. Nós, alunos da EECCAM, estamos tentando solucionar os grandes problemas que estão acontecendo aqui próximo ao colégio. Nós acreditamos que podemos contribuir, na medida que estudamos o assunto para poder apontar alguma saída.

Clara: Ei, mas que problemas são esses?

Rosário: Gracinha, nós podemos falar de dois problemas: primeiro é que a grande quantidade de material orgânico, como as fezes, tiram o oxigênio da água e dificulta a sobrevivência dos peixes e de outros animais aquáticos. O outro problema é que a água contaminada pode contaminar as plantas e os animais que bebem dela. Você bebe a água do rio Barra Nova?

Clara: Ai, todo dia! Acho que estou poluída.

Isabel: É Gracinha, e o problema não é novo. Em 1990, professores e alunos de nossa escola fizeram um documentário sobre a situação ambiental de Caicó. Naquela época, há doze anos atrás, o rio Barra Nova já se encontrava com os mesmos problemas de hoje. Alguns parecem ter melhorado como, por exemplo, a criação de animais soltos nas margens do rio. Já outros pioram, o lixo continua sendo jogado na margem do rio, bem como dejetos de animais e os esgotos aumentaram. Será que as autoridades não percebem isso? Nós sim e queremos chamar a atenção da população, para que o problema não continue crescendo (Programa 5, transmitido em 31 de maio de 2002).

- O meio ambiente como utopia: o meio ambiente idealizado nos desejos, expectativas, esperanças, sonhos, projetos individuais e coletivos expressos na produção do “Escolas no Ar”. Tal como concebe Teodora Pereira, aluna da 3ª série da E. E. Rosa de Lima:

Tiana: Continuando nosso programa “Rosa de Lima em Ação” [um quadro dentro do “Escolas no Ar”], temos agora, como falamos no início do programa, o depoimento da aluna da escola.

Magno: Ó Teodora, como você acha sua escola?

Teodora: Eu acho ela boa, né? Eu aprendi a ler aqui, quando eu estudava a primeira série eu não sabia nem o que era um “a” e quando eu fui pra segunda série, minha professora Tiana, fez muito trabalho comigo e eu aprendi a ler com ela. Mando um recado para os meninos não riscar as paredes, porque isso é muito feio minha gente. Não botar papel no chão, nem comida [...] (Programa 6, transmitido em 13 de junho de 2002).

Gracinha foi, provavelmente, a maior fonte de utopias do “Escolas no Ar”. Como menina-raposa, podia quase tudo, podia sonhar. Sua participação começou timidamente, mas progressivamente este personagem cresceu e teve participação efetiva em todos os programas “Escolas no Ar”: contracenou com adultos e crianças,

incentivando as crianças nos trabalhos de pré-produção, fazendo perguntas inusitadas... coisas de criança, coisas de uma raposinha.

Clara: Oba! Vou aproveitar que Jonas e Eugênia não chegaram para tomar conta deste programa. Solta aí minha vinheta.

Técnica: Vinheta – Raposinha

Clara: Ham, Ham. Oi pessoal, bom dia. No programa de hoje vamos aprender um pouco mais sobre o lixo. Ah, esse lixo... Seria muito bom se o bicho homem fosse assim como a gente, que nunca destrói nossa mãe natureza (Programa 2, transmitido em 17 de maio de 2002).

Eugênia: [som de batidas] Ei Jonas, acho que temos visita.

Jonas: Visita? Quem será? Ah é Gracinha, nossa amiga raposinha. Entra Gracinha!

Técnica: Vinheta Gracinha

Eugênia: Gracinha, como você está suada! O que houve?

Clara: Eu estava ouvindo o programa, aí ouvi vocês falando sobre as plantas e resolvi fazer um protesto.

Jonas: Protesto? E você sabe o que um protesto?

Clara: Sei. Claro que sei. É uma reclamação. E eu quero reclamar das pessoas que estão cortando as árvores na beira do rio Seridó. Quase não há mais árvores para eu e minhas amigas ticacas nos esconder dos caçadores. É terrível. Quase não há comida pra gente. Vocês sabem, sem o mato nós não temos nem comida, nem abrigo. Eu vou entrar em extinção (Programa 3, transmitido em 24 de maio de 2002).

Eugênia: Ei Jonas, olha só quem vem chegando por aqui: É Gracinha, nossa amiga raposinha.

Jonas: Oi Gracinha... Está mancando? O que houve com seus pés?

Técnica: Vinheta Raposinha

Clara: Ai, ai, ai... Eu vim secretamente, escondida nos matinhos, acompanhando os peregrinos de Santana.

Jonas: Acompanhando os peregrinos de Santana!? Desde de Currais Novos?

Clara: Foi sim, desde de lá. São 80 km e acho que um milhão de passadas... meus pés estão cansados, mas valeu a pena. É muito bonito ver a fé das pessoas e em todos os lugares que a gente passava as pessoas rezavam com a gente.

Eugênia: E você sabe rezar?

Clara: Claro, eu rezei para que a gente tivesse um mundo melhor... sem violência... um mundo bom para as pessoas e para nós os animais. Você sabia que na festa de Santana as pessoas comem muito minhas amigas rolinhas, arrições, meus amigos preás, pebas... Chamam a gente de caça. Já pensou? Somos caça, só isso: caça! (Programa 9, transmitido em 19 de julho de 2002).

4. Considerações Finais

A problemática ambiental foi a primeira motivação para nossa intervenção no interior do Rio Grande do Norte através da organização de um sistema de educação e comunicação para a produção de programas de rádio relativos ao meio ambiente. A

segunda motivação refere-se ao credo que educação e comunicação são espaços de inserção social para reais transformações dos indivíduos e de seus espaços de interação.

A Caatinga tem sido excetuada dos grandes projetos nacionais de proteção ao meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável, a despeito do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Seridó. Esse importante ecossistema brasileiro, por exemplo, não está incluída nos sistemas naturais protegidos pela Constituição Federal Brasileira. São condições objetivas que justificam a intervenção nesse tema. Acrescenta-se a isso, especificidades relativas ao tema meio ambiente. Se o tomarmos como indistinto de nossa condição humana, não há como ser indiferente a ele. Neste caso, nossa relação não é meramente objetiva, é também subjetiva. Estamos inseridos numa rede de inter-relações entre o meio ambiente natural e o social, e, as interferências sobre os primeiros, certamente, recaem sobre os segundo, num permanente devir.

Dito isso, é importante destacar que nós não tínhamos a pretensão de produzir transformações nas relações sociedade – natureza a partir de mudanças comportamentais entre os receptores do programa “Escolas no Ar”. E não podia ser diferente, mudanças comportamentais emanam de um processo amplo, permanente e sistemático de ações ou transformações sociais, culturais, históricas, educacionais e políticas que nós não produziríamos isoladamente e em curto prazo.

O programa “Escolas no Ar” era um programa semanal, com 15 minutos de duração. De certa forma, isolado em sua ação educacional para a prática de educação ambiental. Havia poucos parceiros locais realizando esse trabalho, seja através dos meios de comunicação ou dos sistemas formais de educação (notadamente o IBAMA, a 10ª Dired e algumas prefeituras municipais, como a de Parelhas e a de Serra Negra do Norte). Entretanto, de forma generalizada, não havia uma convergência de forças ou uma conspiração nacional, regional ou local para que problemas ambientais fossem superados. “Escolas no Ar” era um ponto de resistência tênue para empatar a força e complexidade desses problemas no Seridó. Tínhamos a compreensão que não seríamos capazes de superar ou minimizar processos como a desertificação ou a caça de animais silvestres, por exemplo.

A concepção do sistema “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente” se fundamentou em experiências anteriores de uso do rádio em processos de educação ambiental, no Rio Grande do Norte (ARAÚJO, 1995) e Rondônia (ARAÚJO, 1997). Essas experiências já indicavam a necessidade da inversão de papéis antagônicos entre

produtor-receptor, comumente encontradas quando do uso de NTIC em processos educativos.

Também Silva (2000), em “Sala de Aula Interativa”, aponta a superação da modalidade unidirecional de comunicação como um novo desafio para a educação e justifica:

Em lugar de posicionar-se diante da experiência comunicacional vivida pelos alunos, a escola continua na defensiva. Enquanto os alunos apresentam-se como novos espectadores, tendendo para uma postura menos passiva diante da emissão, quando aprendem a manipular imagens nas telas cada vez menos estáticas, os professores não sabem raciocinar senão na transmissão linear e separando emissão de recepção (SILVA, 2000, p. 70).

Assim, o processo de concepção e gestão do sistema “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente” foi intencionalmente desenvolvido para que alunos e professores pudessem assumir a autoria do texto radiofônico. O atendimento a essa condição buscava inverter a polaridade recepção-produção ao tempo promovia a convergência de comportamentos cognitivos, afetivos e psicomotores necessários à composição do texto radiofônico, necessários à adaptação do conhecimento já adquirido (dado) para a produção de um novo conhecimento expresso no texto radiofônico.

Deste modo, nosso foco voltava-se para os produtores do “Escolas no Ar”. Se não podíamos provocar mudanças relacionadas aos receptores ou mudanças nas relações sociedade – natureza, talvez produziríamos entre os produtores. Nossa tese é que ao produzirem os programas de rádio, os estudantes e professores desencadearam uma série de habilidades que sintetizam uma ampla compreensão sobre os temas meio ambiente, educação e comunicação. Habilidades que expressam, por exemplo, escolhas e formas de abordagens sobre o meio ambiente local, capacidade de sistematização do conhecimento e sua adaptação a linguagem radiofônica, reorganização ou rerepresentação de conteúdos para constituírem o texto radiofônico (o dado e o novo).

Ainda, é importante dizer que a participação de professores e alunos remota a concepção do sistema “Escolas em Comunicação com o Meio Ambiente”. Na produção do “Escolas no Ar” suas participações eram extensivas a todas as etapas desse processo: cada programa tinha uma temática escolhida pelos próprios produtores, essa temática era objeto de discussão na composição da pauta do programa para a partir daí desencadear o processo de produção do roteiro do programa radiofônico. Em cada uma dessas etapas emergiam competências relativas ao processo de negociação e definição

do que seria tratado no programa, roteiro, formato e recursos. O conhecimento e a interpretação de mundo dos produtores foi expresso através de paródias, músicas, entrevistas, textos, conceitos. Produziram novos significados, adaptaram, incluíram ou excluíram conteúdos para uma nova interpretação ou resignificação da relação sujeito – meio ambiente.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Arnon A. M. Rádio e televisão comunitários. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL. 16., 1984, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: ABT, 1984.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da Prática Escolar. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. (Série Prática Pedagógica)
- ARAÚJO, Sandra K. Educação para a Vida: uma proposta experimental de capacitação docente em educação ambiental através do rádio. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso (Dissertação de Mestrado), 1995.
- BARBIER, René. A Pesquisa - Ação na Instituição Educativa. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BELLONI, Maria Luiza. O que é Mídia-Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo 78)
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1999. (Coleção Ciências da Educação)
- CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação – A linguagem em movimento. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.
- COULON, Alain. Etnometodologia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- COULON, Alan. Etnometodologia e Educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- CUNHA, Mgda. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico. In: Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: Unb, 1999.
- DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia V. (Orgs). Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: UnB, 1999. 232p.
- DEL BIANCO, Nélia R. Avaliação do Programa Escola Brasil. Brasília: FUNDESCOLA/MEC, 2000. (Cadernos Comunicação, 5)
- DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. 5 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Contemporânea)
- FERRARETTO, Luiz Arthur. Tendências da programação radiofônica: as emissoras em amplitude modulada. In: BIANCO, N. R. D.; MOREIRA, V. S. Desafios do Rádio no Século XXI. São Paulo, SP: INTERCOM; Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2001. p 46-61.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. Planejamento Sim e Não. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 10 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura)
- INSTITUTO DE PESQUISAS ESPACIAIS. Treinamento em Equipe de Teleducação para o SEEC RN. Relatório INPE-752-NTE/029. [s.d.]
- KOCH, Ingedore V. O Texto e a Construção dos Sentidos. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. (Caminhos da Linguística)

LIMA, Grácia L. Educação e Comunicação. Disponível em <www.rbc.org.br> acesso em: 02 de maio de 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MCLUHAN, Marshall. Os Meios como Extensão do Homem. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

MEDINA, Naná M.; SANTOS, Elizabeth da C. Educação Ambiental: uma metodologia participativa de formação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOREIRA, Sônia V. Tecnologia e legislação para o rádio no século XXI. In: BIANCO, N. R. D.; MOREIRA, V. S. Desafios do Rádio no Século XXI. São Paulo, SP: INTERCOM; Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 2001. p.14-24.

PANDOLPHI PEREIRA, Carlos Maurício. A Linguagem e a Produção Radiofônica. Natal: UFRN/PRAEU, 1982. (Coleção Textos Acadêmicos 181)

SCHAUN, Angela. Educomunicação – reflexões e princípios. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SILVA, Marco. Sala de Aula Interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: ou a emergência do campo da inter-relação em educação/comunicação. Disponível em <www.rbc.org.br/educom/intercom/educom_emergencia_do_campo.pdf> Acesso em: 10 de dezembro de 1997.

THIOLLENT, Michael. Metodologia da Pesquisa-Ação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986. (Coleção Temas Básicos de Pesquisa-Ação).